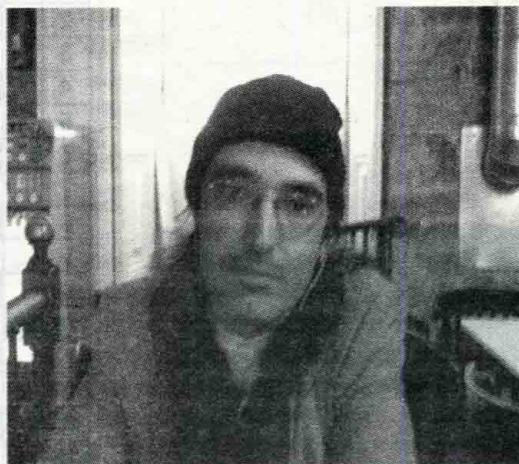


CINEMA

Alberte Pagán, à margem do convencional

RAMIRO LEDO / Os filmes de Alberte Pagán (Carvalhinho, 1965) vam à margem do convencional, se calhar porque o cinema convencional é umha fábrica de desatençom, de alienaçom mediante a imagem, que nos apampa com a ilusom de que tudo o que há é o que vemos na tela. Estudioso e apaixonado do cinema experimental e de vanguarda, é o responsável pola programaçom de cinema experimental do Laboratório de Movimentos (Compostela). Ademais de vários artigos sobre cinema, tem dous livros publicados e um para sair do prelo verbo dos filmes de Andy Warhol.

O vindouro dia 9 de Maio o Cineclube de Compostela projecta-lhe *Como Foi o Conto* (2004) e estreia pola primeira vez em público *Conversas em Zapatera* (2002), um filme que fijo entre 1996 e 2002 ao abeiro de umha comunidade sandinista na Nicarágua.



Pagán estreia em Maio *Conversas em Zapatera*

Quando te deslocaste à ilha de Zapatera, foste filmar ou foste e depois aproveitaste para filmar?

O de filmar era umha ideia que tínhamos em conta, mas de facto eu cheguei ali com umha brigada do COSAL (Comité de Solidariedade com a América Latina) sem câmara; depois, outro rapaz trouxe umha. Tratava-se de gravar todo o possível. Algumha ideia sim havia, porque há, por exemplo, muitos rostos que sim que me interessava filmar em pormenor... E logo três entrevistas que tivemos ali com três pessoas que som as que aparecem de banda sonora no filme. Em Zapatera nom havia electricidade e havia um problema para carregar a câmara. Só tinham um pequeno motor que funcionava com gasolina e utilizavam para ver TV quando acabavam de trabalhar ou também quando ali se juntava

toda a aldeia para ver a telenovela do momento.

Zapatera é o teu primeiro filme finalizado, mas nom o primeiro que figeste...

Eu estou a tentar fazer filmes desde há muito tempo, e de facto as primeiras cousas que figem fõrom com umha maquininha que comprara de 16 mm. e um projector. Mas, claro, umha pessoa encontra-se logo com a dificuldade dos custos do próprio filme... Realmente o vídeo dá-nos umha facilidade: democratiza bastante todo o processo de filmagem. Agora tenho imagens do Sara, de um acampamento de refugiados em Tinduf (Argélia); de Buenos Aires, que é o filme que estou a fazer agora. Também gravei na Colômbia, mas deste país só conservei as cassetes que nom me roubárom, porque a maior

parte, sobretudo as da populaçom indígena, desapareçerom.

Podemos dizer que vais filmando e depois tentas armar algo...

No COSAL também estou a gravar as pessoas que intervenhem nas conferências para fazer umha compilaçom de rostos, de imagens e de vozes diferentes e de diferentes partes do mundo. E de facto material tenho bastante. Ora bem, há de levar-se em conta o problema técnico. Até há três ou quatro anos eu nom tinha um computador decente para poder montar em vídeo; nem sequer tinha câmara de vídeo. E quando conseguimos a câmara ainda tardei em ter um bom aparelho para editar, com o qual fum acumulando bastantes fitas às quais quero dar forma agora, e estou a tentá-lo desde há uns aninhos.